REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

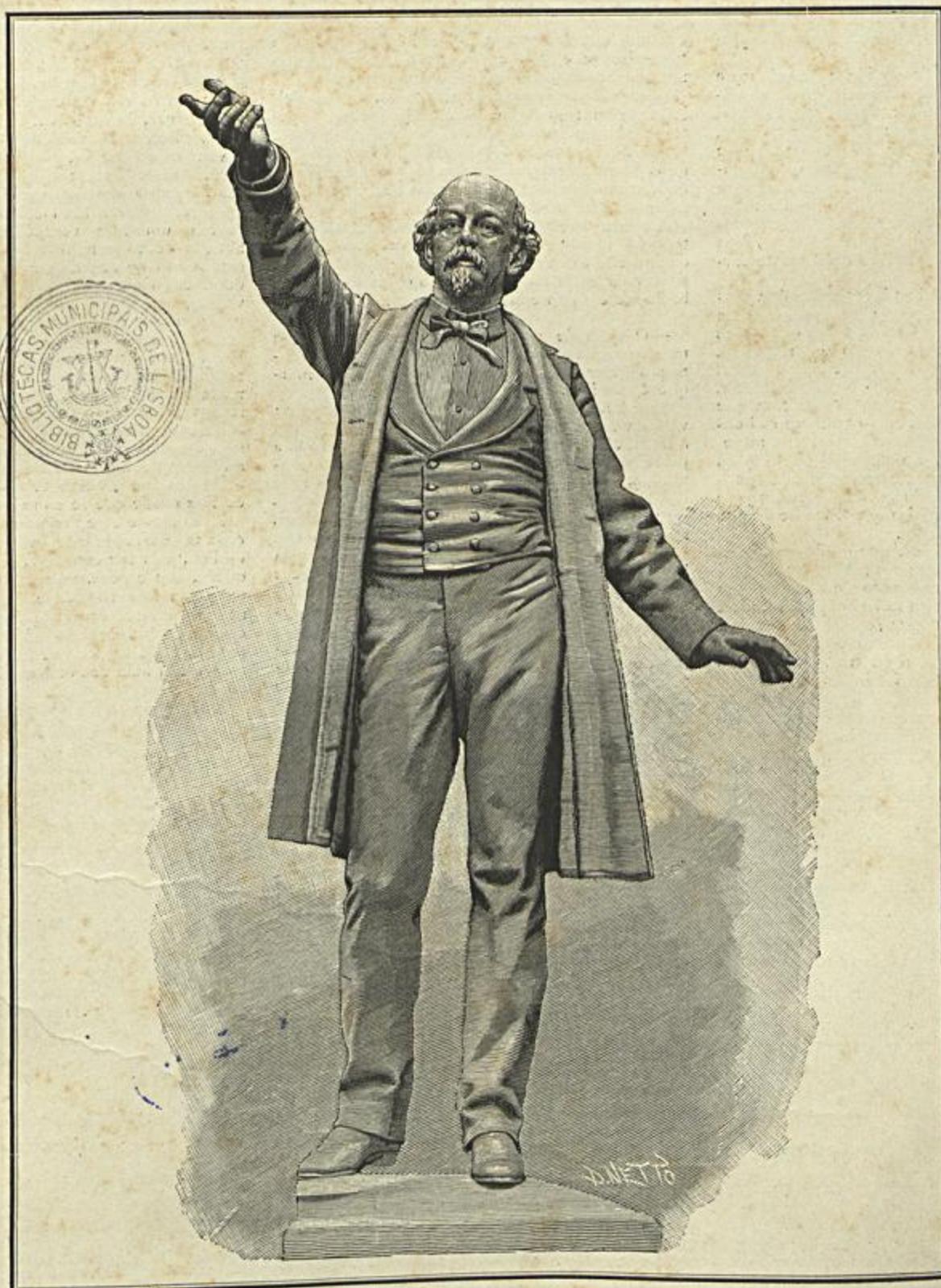
12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 361

1 DE JANEIRO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

D. NETTO

ESTATUA DE JOSÉ ESTEVÃO, DESTINADA AO MONUMENTO DE AVEIRO

(Esculptura de Simões d'Almeida)

CHRONICA OCCIDENTAL

Um grupo das senhoras mais distinctas da primeira sociedade de Lisboa emprehendeu ha já com este, dois annos, uma caridosa, e victoriosa campanha contra a velha usança nos ultimos tempos tão aggravada, de passar os dias de natal e de anno novo, a escrever endereços em sobrescriptos e a ler bilhetes de visita, sob o pretexto de dar e de receber boas festas.

E chamamos caridosa a essa campanha emprehendida e já hoje triumphante, porque o é e a mais d'um titulo: é caridosa porque poupa a toda a gente um trabalho enorme, fastidioso e perfeitamente inutil, e é caridosa porque para livrar os cerimoniosos d'esse grande incommodo, lhes impõe uma dadiva, d'uma quantia insignificante, muito menor do que a que se gastava em cartão e em estampilhas, e que em vez d'ir cahir nos cofres do correio geral ou nas gavetas das minervas, vae passar ás mãos dos pobres, suavisar muita miseria, alegrar os dias de festa a muitos desgraçados.

E graças á iniciativa d'essas illustres senhoras a antiga moda vae cahindo em desuso, os carteiros já tem menos que andar n'esses dias festivos, em que costumavam correr ruas e subir escadas, ajoujados sob avalanches de bilhetes de visita, e os lisboetas elegantes escusam de fazer prodigiosos esforços de memoria para encher montes e montes de sobrescriptos com os nomes de todas as pessoas das suas relações, massadas que transformavam as festas do natal e as festas da paschoa em verdadeiros dias de violento trabalho de carteira.

Apesar porem d'essa boa innovação nós voltamos hoje á moda antiga para encetarmos a nossa chronica desejando *boas festas* a todos os leitores do OCCIDENTE, que hoje entra no seu 12.º anno, tenra idade no homem, mas idade já respeitavel em jornal, onde a macrobia não abunda muito, e que representa não só a tenacidade com que elle tem luctado pela vida, como tambem as boas graças e o carinhoso acolhimento que tem merecido dos seus leitores, acolhimento que espera continuar a merecer, conscio como está, de continuar tambem cumprindo á risca os deveres, que se impoz, e a trilhar o caminho que traçou e de que julga nunca se ter affastado.

E cumprindo este dever, que sendo-nos, sempre muito grato, e hoje muito mais grato ainda é porque nos livrou do embaraço de abrir a nossa primeira chronica do anno novo com uma noticia triste, vamos a essa chronica em que avultam dois assumptos inteiramente differentes, que fazem profundo contraste entre si, o contraste que no fim de contas constitue todo o fundo da vida humana — as lagrimas e os sorrisos, as tristezas e as alegrias — um luto e uma gala — a morte de Paulo Midosi e o Baile dos Marquezes da Foz.

A morte de Paulo Midosi era de ha muito tempo esperada, e ha já quatro mezes que n'este mesmo lugar, nos referimos largamente á doença terrivel d'esse illustre advogado e festejado homem de lettras, imaginando que quando esse artigo fosse lido já elle descansasse emfim do seu martyrio no profundo repouso da morte.

Essa chronica escrevemol-a nós no Porto, no meado de setembro, á vista d'uns telegrammas de Lisboa, que deram como desesperado o estado de Paulo Midosi.

Cerca d'um mez antes tinhamol-o encontrado na rua do Alecrim, já muito desfigurado pela medonha enfermidade que havia de matal-o.

Elle disse-nos que estava melhor, que aquillo era uma doença muito massadoura, mas sem perigo. — É peior para quem a vê do que para quem a tem!

Rimos com elle, mas rimos sem convicção, sobre posse, porque advinhámos immediatamente o que era essa tal doença.

Depois não o tornámos a ver. Soubemos que peiorara e que já não sahia de casa.

Sahimos de Lisboa e quando em setembro chegamos ao Porto encontrámos os telegrammas a que já nos referimos, e julgamol-o morto.

Pois passaram se ainda os mezes de outubro, novembro e quasi todo o de dezembro e a desapiedada doença sem se compadecer do pobre Paulo Midosi, sem ter a misericordia de epilogar com a morte aquelle horroroso martyrio.

Peiorando de dia para dia, hoje peior do que hontem, quando hontem se julgava que d'quelle grau de tortura se não podia passar senão para o tumulo, amanhã ainda peior do que hoje, o infeliz doente, soffrendo com uma resignação heroica todos os seus martyrios, não perdendo nunca a força moral, tendo até ao ultimo dia esperança de melhorar, de se pôr bom, — ou fingindo tel-a para não entristecer os que o cercavam — teve a má sorte de resistir durante mezes e mezes á morte que se sabia fatal, inevitavel e horrorosa.

E todos os que o estimavam, — porque Paulo Midosi teve a felicidade de saber conquistar verdadeiras amisades, de ter junto de si nas suas prolongadas horas de angustia, dedicações muito raras nos tempos egoistas que vão correndo, amigos extremosissimos que padeciam de o ver padecer, para quem a sua doença foi um enorme desgosto e a sua morte um sincero lucto — e todos que o estimavam, diziamos, esperavam já a morte, quasi que a imploravam, como um beneficio de Deus, uma esmola do acaso.

E quando elle finalmente morreu, conjunctamente com muitas lagrimas que choravam olhos pouco costumados a chorar, houve como que uma grande sensação d'alivio em todos que o estremeciam: — até que emfim tinha acabado aquelle martyrio medonho e sem esperança!

Paulo Midosi como advogado era uma das illustrações do nosso fôro, como homem de lettras e como auctor dramatico teve uma epoca de triumphos e estava em plena nomeada quando nós começavamos a entrar no mundo theatral.

Das suas peças originaes e imitadas, muitas d'ellas tiveram ruidosos e duradouros successos, representadas pelos artistas mais notaveis do tempo, tendo á sua frente o grande actor Taborda que foi o interprete principal das obras de Paulo Midosi, como tambem um dos mais dedicados e extremosos amigos d'elle.

A morte do illustre advogado e homem de lettras foi muito sentida em Lisboa, tão sentida quanto elle era estimado. E havia sobejas razões para essa estima — porque Paulo Midosi era um brilhante espirito e um grande caracter.

— O anno de 1888 terminou em Lisboa com uma sumptuosa festa que marcou epocha nos annaes da elegancia portugueza — o baile dos marquezes da Foz.

Esse baile foi um verdadeiro acontecimento na vida da capital, e muitos dias antes não se fallava n'outra coisa: o baile já passou e ainda em toda a parte se falla n'elle, e fallar se-ha por muito tempo, por longos annos, como se falla ainda hoje dos bailes da Quinta das Larangeiras, de todas as festas que pelos seus caracteristicos excepcionaes, saem muito do *ram-ram* habitual da nossa terra.

A preoccupação que o baile dos marquezes da Foz causara no publico antes de se realisar era muito justificada e de explicação facilima.

O marquez da Foz é uma das personalidades actualmente mais em evidencia na nossa terra.

O seu nome, a sua riqueza collossal, o seu prestigio, e ao mesmo tempo o elevado bom gosto artistico que lhe marca um lugar aparte no mundo dos nossos argentarios mais poderosos, justifica e explica amplamente a anciedade enorme, que a noticia do seu baile produziu em toda a Lisboa.

Toda a gente sabe que o marquez da Foz possue hoje e feita em pouco tempo uma das maiores fortunas do nosso paiz; toda a gente sabe que n'elle o capitalista, o argentario é *doublé* do fidalgo distinctissimo, e do artista *raffiné*; do homem elegante e bizarro para quem o dinheiro não é a paixão do avaro, do homem illustrado e de bom gosto que tem o amor sublime dos thesouros, arte e da industria, das preciosidades historicas e archeologicas, e toda a gente sabe isso primeiro, porque o marquez da Foz é muito conhecido e estimado em Lisboa, muito conhecido pelo seu nome e pela familia illustre a que pertence, muito estimado pelas suas altas qualidades pessoaes, de espirito e de coração; e depois porque é do dominio publico que, parte importante da grande riqueza do marquez da Foz, está toda empregada em quadros, em louças, em estatuas, em objectos artisticos e objectos historicos que fazem da sua casa um verdadeiro museu de bellas artes e antiguidades, em que ha obras primas e preciosidades que não se encontram nos melhores museus do mundo.

Comprehende se bem, portanto, o alvoroço e a anciedade enorme, que provocaria em todos os espiritos a noticia, que essas salas cheias de maravilhas se iam abrir, para n'ellas se dar um baile, um baile que o bom gosto, a elegancia e a bisarria, que caracterisam o marquez da Foz, garantiam immediatamente que seria uma d'essas extraordinarias festas principescas, que raras vezes são dadas a Lisboa gosar.

E a anciedade e o enthusiasmo por ir ao baile do marquez da Foz era tão grande e tão generico que se o palacio das Chagas, onde o marqnez mora fosse vinte vezes maior do que é, seria ainda pequeno para as pessoas que lá desejavam ir.

Mas como ha um milagre, que a boa vontade mais energica não póde realisar, o de metter tres ou quatro mil pessoas n'uma casa onde só podem caber 500 ou 600, o marquez da Foz teve que restringir muito os seus convites, de accommodar o numero d'elles ás exigencias imperiosas do espaço das suas salas.

Esse numero não passou de setecentos, e ainda assim durante parte da noite difficilmente se podia andar pelas salas, em que se viam as classes mais distinctas da vida de Lisboa representadas pelos seus membros dos mais illustres, em que se acotovellavam estadistas, fidalgos, litteratos, diplomatas, artistas, altos funccionarios, medicos, banqueiros, negociantes, grandes industriaes, em que se evidenciavam, resplandecentes em elegantissimas e ricas *toilettes*, as damas mais formosas da nossa sociedade.

O baile do marquez da Foz foi um completo deslumbramento, já pela sumptuosidade, magnificencia e alegria da festa, já pela riqueza e pelos esplendores das salas, que lhe serviam de quadro.

Essas salas constituem como dissemos um preciosissimo museu, e os olhos encontram por toda a parte primores rarissimos, que, deslumbram, aqui um quadro de Rubens, acolá uma tapesaria de Beauvais com paysagens de Teniers e de Poussin, além os moveis de Trianon, uma commoda de Riesner, bronzes de Gouthières, moveis de Vesiweiller, procelanas de Sevrès, Gobelins com pinturas de Boucher, quadros de Nattier de Watteau, de Desportes; n'um canto adormecida no seu formosissimo marmore sob, um bosque de verdura, a que a luz electrica e os flocos de gêlo davam um tom verdadeiramente phantastico, aquella deliciosa mulher nua de Pigalle que Musset cantou no seu immortal *Rolla:* mais adiante dominando o escriptorio do marquez, onde n'uma vitrine, deliciosa obra de talha feita por Leandro Braga se agrupam obras primas que valem centenares de contos de réis, o *Paulo e Virginia*, de Epinay em marmore de Carrara: no buffete, baixellas da India, do Japão e de Sevrès: peças de prata cinzeladas pelo celebre Germain, das quaes só duas valem mais de 50 contos; em summa uma collecção extraordinaria, phantastica, de maravilhas dispostas com um raro bom gosto, com uma *requintada* sciencia de decoração, é o que se encontra permanentemente no palacio do marquez da Foz desde que se entra a porta da rua.

As honras d'esse verdadeiro paraiso eram feitas com uma amabilidade deliciosa pelo sr. marquez da Foz, pela sr.ª condessa, sua mãe, pela sr.ª marqueza, sua esposa, uma das mais gentis senhoras da nossa alta sociedade, que reune a todos os seus superiores dotes de distincção e de elegancia, um espirito brilhantissimo, uma finissima intelligencia realçada por vastissima illustração, que fazem d'ella uma das damas mais illustres da nossa terra.

A noite de 29 de dezembro em casa dos marquezes da Foz foi uma noite d'encanto, que passou rapida entre as mil fascinações d'essa festa maravilhosa, uma noite excepcional na nossa pacata Lisboa, que tão raras vezes é deslumbrada por estes bailes sumptuosos, em que se dá a alliança difficilima de realisar, da riqueza de milionario, do bom gosto d'artista e da distincção de fidalgo.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

A ESTATUA DE JOSÉ ESTEVÃO

DESTINADA AO MONUMENTO DE AVEIRO

A gravura que illustra a primeira pagina d'este numero e do volume que hoje encetamos, representa a magnifica estatua de José Estevão Coelho de Magalhães que vae ser collocada no monumento, que os seus conterraneos erigiram em Aveiro, á memoria do grande tribuno que ali teve o seu berço.[1]

[1] Vid. OCCIDENTE, vol. I, pag. 73 a 78

Esta soberba esculptura que o publico de Lisboa tem tido a occasião de admirar, na Exposição Industrial Portugueza, fundida em bronze e collocada n'um pedestal, no extremo norte do grande recinto dos annexos, é um dos muitos trabalhos notaveis do talentoso esculptor Simões de Almeida que fez o modelo.

Quem conheceu José Estevão e o viu na sala do parlamento, n'aquelles rasgos arrebatados, em que da sua bocca se soltavam com toda a energia do talento, os memoraveis discursos que immortalisaram o seu nome, reconhece na estatua o grande athleta da palavra, n'aquella attitude franca e despreoccupada que caracterisavam José Estevão no meio da assembléa nacional, onde elle se sentia á vontade, sempre prompto para a lucta da palavra, que era o seu grande elemento.

O artista conseguiu dar á estatua toda a grandeza moral do vulto que ella representa; n'aquella fronte levantada estampa-se a alma liberal do defensor convicto da liberdade, e se a sua voz inspirada não se ouve, adivinha-se nos labios entreabertos, na expressão animada da physionomia, que triumpha gloriosamente da immobilidade do bronze.

É esta a impressão geral que nos faz a estatua, sem nos determos em algumas imperfeições que apresenta, principalmente nas roupas, resultado da fundição, com que o seu auctor nada tem, e que no modelo em barro, que tivemos occasião de vêr, não existem.

Dissemos que esta estatua é destinada ao monumento de Aveiro, e por isso, convém dizer aqui alguma cousa a respeito d'este, para o que recorremos ao digno presidente da commissão do monumento, sr. João da Maia Romão, esclarecido professor do lyceu de Aveiro, o qual muito amavelmente nos obsequiou com os esclarecimentos precisos, e que muito agradecemos.

Foi em abril de 1880 que se organisou em Aveiro uma commissão, com o fim de promover os meios de levar a effeito um monumento a José Estevão Coelho de Magalhães.

Essa commissão ficou composta dos seguintes cavalheiros: Presidente, sr. João da Maia Romão, professor do lyceu; Thesoureiro, sr. Pedro Antonio Marques, industrial; Secretario, sr. Domingos José dos Santos Leite, negociante; Vogaes, os srs. Manuel da Rocha, industrial, Manuel Homem de Carvalho Christo, mestre d'obras, José Joaquim Gonçalves da Caetana, negociante, Antonio de Souza, mestre d'obras, Anselmo Ferreira, negociante, Francisco Rodrigues da Graça, mestre de obras e José Maria de Carvalho Branco que deixou de fazer parte da commissão em outubro do mesmo anno.

Esta commissão tratou de obter donativos, elaborando o projecto do monumento o sr. João da Maia Romão digno presidente da commissão.

A inauguração das obras do monumento, levou-se a effeito com o lançamento da primeira pedra, por occasião do centenario do Marquez de Pombal, a 2 de maio de 1882, proseguindo as obras do pedestal sob a direcção do sr. Manuel Homem de Carvalho Christo.

O logar escolhido para o monumento, foi o largo Municipal, ficando aquelle em frente do edificio do lyceu, um dos melhores do paiz e cuja construcção se deve aos esforços de José Estevão. No outro lado do largo está o edificio dos Paços do Concelho e proximo a casa em que viveu o glorioso soldado da *Flecha dos Mortos*.

O pedestal sobre que hade assentar a estatua é de cantaria, a qual foi apparelhada nas officinas dos srs. José Moreira Rato & Filhos, em Lisboa.

O governo deu o bronze para fundir a estatua, por lei de 3 de junho de 1882, e mandou fazer a fundição, no Arsenal do Exercito, por lei de 4 de maio de 1884.

Para esta concessão do estado influiram especialmente o sr. conselheiro José Dias Ferreira, que além do muito auxilio que prestou á commissão, apresentou o projecto de lei para a concessão do bronze, e o sr. desembargador Francisco de Castro Mattoso da Silva Corte Real, que apresentou de accordo com os deputados do circulo de Aveiro, o projecto de lei para o governo mandar fazer a fundição da estatua no Arsenal do Exercito.

Dirigiu os trabalhos da fundição da estatua o capitão de artilheria, servindo de sub-chefe da Fundição de Canhões do Arsenal do Exercito sr. Leandro Augusto Roque Pedreira o qual empregou todos os esforços para o bom resultado da obra.

Os operarios que trabalharam na fundição foram João Baptista e Francisco da Costa, fundidores, Manuel Augusto da Piedade e Antonio José Brandão, serralheiros.

Os donativos realisados até ao presente sobem á quantia de 3:520$765 réis; sendo provenientes de subscripção 1:416$065 réis; de espectaculos 1:845$580 réis; e de juros 259$120 réis.

D'esta importancia dispendeu-se na cantaria para o pedestal, 1:091$360 réis; em uma grade para o monumento 259$120 réis; no modelo da estatua e transporte para o Arsenal 1:170$700 réis.

Não está ainda definitivamente resolvido sobre as inscripções que se devem collocar no monumento, entretanto o digno presidente da commissão enviou-nos um projecto das mesmas que em seguida publicamos.

Face da frente:

1809-1862

A

JOSÉ ESTEVAM COELHO DE MAGALHÃES

A CIDADE D'AVEIRO, SUA PATRIA

INAUGURADA EM . . .

Em outra face:

DEFESA DA SERRA DO PILAR

(14 D'OUTUBRO DE 1832)

FLECHA DOS MORTOS

(25 DE JULHO DE 1833)

REVOLTA D'ALMEIDA

1844

REVOLUÇÃO POPULAR

(1846-1847)

Em outra face:

DISCURSO SOBRE A QUESTÃO CHARLES ET GEORGE

(14 DE DEZEMBRO DE 1857)

DISCURSO SOBRE A QUESTÃO IRMÃS DA CARIDADE

(9 E 10 DE JULHO DE 1861)

Em outra face:

DISCURSO SOBRE A SUSPENSÃO DAS GARANTIAS

(12 DE AGOSTO DE 1840)

RESPOSTA AO DISCURSO DA COROA (PORTO PIREU)

6 E 13 DE FEVEREIRO DE 1840

A camara municipal de Aveiro resolveu mandar collocar a seguinte inscripção na casa onde nasceu José Estevão:

Casa onde nasceu aos 26 de dezembro de 1809 o grande tribuno parlamentar e benemerito cidadão portuguez José Estevam Coelho de Magalhães.

Em honra de tão querida memoria mandou a Camara Municipal de Aveiro fazer e collocar esta lapida por deliberação tomada em sua sessão de 10 de fevereiro de 1887.

O monumento deve ser inaugurado brevemente e os filhos de Aveiro terão pago um justo tributo de gratidão ao glorioso tribuno que honrou tanto a terra do seu nascimento, como de beneficios promoveu em favor d'ella.

A digna commissão que tomou a iniciativa do pagamento d'essa divida, honrou a patria de José Estevão, que assim não será ingrata.

ESCOLAS INDUSTRIAES

ESCOLA MARQUEZ DE POMBAL, EM ALCANTARA

O bello edificio que a nossa gravura representa, foi feito expressamente para a escola industrial *Marquez de Pombal*, estabelecida em Alcantara.

É a primeira d'estas escolas que se estabelece em edificio proprio, e isto se deve á iniciativa do sr. Emygdio Navarro ministro das obras publicas, que determinou a sua construcção e assistiu ao lançamento da primeira pedra, em novembro de 1886.

As escolas industriaes foram decretadas em 20 de dezembro de 1864, para as terras do reino que, pela sua industria, mais precisassem do ensino industrial; entretanto só vinte annos depois, em 1884, é que o ministro das obras publicas, Antonio Augusto de Aguiar, procurou dar execução áquelle decreto, estabelecendo uma escola industrial na Covilhã, e com esta mais quatro escolas identicas, sendo uma em Lisboa, uma no Porto, uma em Guimarães e uma nas Caldas da Rainha.

A concorrencia de alumnos a estas escolas excedeu toda a espectativa; e na escola *Marquez de Pombal*, por exemplo, a affluencia de estudantes foi tal, que para logo se reconheceu a insufficiencia da casa em que se tinha estabelecido, não chegando a comportar metade dos alumnos que se matricularam.

Foi esta razão que determinou o construir-se o novo edificio apropriado, e cuja inauguração teve logar no dia 31 de outubro do anno passado, com a assistencia de sua magestade el-rei D. Luiz e sua alteza o principe D. Carlos, ministerio e altos funccionarios.

A nova edificação foi feita em um terreno de 1,585 metros quadrados, situado entre as ruas do Conselheiro Pedro Franco e a Direita de Alcantara, no bairro novo que ha poucos annos ali principiou a construir-se.

A parte principal do edificio é a que se acha concluida e que tem a frente para a rua do Conselheiro Pedro Franco. Consta de tres pavimentos, no primeiro dos quaes, ao rez do chão, se estabeleceram as aulas de chimica, de physica e de mechanica; no pavimento nobre é a secretaria, gabinete do director e a aula de desenho; e no ultimo andar está a bibliotheca, o gabinete das collecções de geometria e topographia, aulas de francez, mathematica e as officinas de lavores femeninos. A illuminação está estabelecida de modo que se pode fazer a gaz ou a electricidade, o que é novo entre nós, havendo no estabelecimento os apparelhos precisos para produzir a luz electrica, installados pelo sr. Hermann.

A outra parte do edificio, em via de conclusão, é a que tem frente para a rua Direita de Alcantara, e n'ella deverão estabelecer-se diversas officinas para ensino pratico. Estas officinas calcula-se que serão inauguradas no proximo mez de maio.

O projecto d'este edificio foi elaborado pelo architecto sr. Pedro Avila que tambem dirigiu a construcção sob as ordens do director das obras publicas do districto de Lisboa, sr. Cabral Couceiro.

A escola tem magnificos modelos para os differentes estudos, os quaes foram adquiridos no estrangeiro, no que ha de mais perfeito e moderno para o ensino profissional pratico, que é o que realmente utilisa ao operario.

Entre esses modelos, constantes de ornatos em gesso da escola allemã e italiana, para o estudo do desenho, de apparelhos de physica, chimica e mechanica para as demonstrações d'estas sciencias, encontram-se já alguns exemplares da arte nacional, copiados do convento dos Jeronymos, havendo o plano de augmentar esta collecção portugueza com reproducções em gesso de ornatos dos monumentos nacionaes, onde se admira a belleza da nossa architectura dos seculos XV e XVI.

O programma de ensino n'esta escola é o mais completo de todos os que, por emquanto, existem nas outras escolas industriaes do paiz, e compõe-se das seguintes disciplinas:

Desenho linear, pelo professor João Hilario Pinto d'Almeida; desenho de ornato decorativo, pelo professor Guido Richert contratado na Allemanha; desenho de architectura pelo professor Cezare Ianz, contratado em Italia; desenho de machinas, pelo professor Cezare Formilli, contratado em Italia.

Principios de physica e elementos de mechanica, pelo professor engenheiro de machinas, Carlos Augusto Pinto Ferreira.

Chimica, pelo professor allemão C. Bonhorst.

Arithmetica e Geometria, pelo professor Marques Leitão.

Lingua Franceza, pelo professor M. Benoliel.

Os resultados obtidos com as escolas industriaes tem, em geral, compensado os encargos que trouxeram ao thesouro e demonstrado a utilidade do seu estabelecimento, que só é pena não fosse mais cedo, porque mais cedo teria aproveitado para o desenvolvimento da nossa industria.

Nos quatro annos decorridos desde a criação das escolas industriaes, já o seu ensino tem sido aproveitado por um elevado numero de alumnos, sendo esse numero no actual anno lectivo de 1:053, isto com respeito ás escolas industriaes ou profissionaes. *Marquez de Pombal*, em Alcantara; *Campos Mello*, na Covilhã; *Rainha D. Leonor*, nas Caldas da Rainha; *Faria Guimarães*, no Porto; e *Francisco de Hollanda*, em Guimarães.

Dos alumnos matriculados n'estas escolas são 872 do sexo masculino e 181 do sexo feminino.

Nas escolas de desenho industrial as matriculas no actual anno lectivo subiram a 1,769, sendo 1,511 do sexo masculino e 158 do sexo feminino.

Estas escolas são: *Affonso Domingues*, em Xabregas; *Gil Vicente*, em Belem; *Rainha D. Maria Pia*, em Peniche; *Victorino Damasio*, em Tor-

res Novas; *Jacome Ratton*, em Thomar; *Fradesso da Silveira*, em Portalegre; *Princeza D. Amelia*, em Setubal; *Domingos Sequeira*, em Leiria; *Pedro Nunes*, em Faro; *Brotero*, em Coimbra; *Passos Manoel*, em Villa Nova de Gaya; *Infante D. Henrique*, no Porto; e na Figueira da Foz, Vianna do Castello, Braga, Villa Real e Bragança.

Em 1884, Antonio Augusto de Aguiar só conseguiu organisar duas escolas industriaes e dez de desenho industrial; actualmente funccionam, como acima dissemos, cinco escolas industriaes e desassete de desenho industrial.

Este rapido alargamento de ensino deve-se ao ministro das obras publicas sr. Emygdio Navarro.

É inspector d'estas escolas o sr. Francisco da Fonseca Benevides, lente do Instituto Industrial e da Escola Naval, e que tem dado provas de boa competencia na difficil e trabalhosa commissão que o governo lhe confiou.

ESCOLAS INDUSTRIAES = Escola Marquez de Pombal, em Alcantara

(Desenho do natural por L. Freire)

As escolas industriaes promettem um futuro mais brilhante á industria portugueza, se os nossos governos continuarem a interessarem-se por ellas, como um dos problemas economicos de mais alcance para a nossa vida social.

PALACIO DA PENA, EM CINTRA

Apesar do muito que se tem reproduzido em photographias, quadros e gravuras a famosa edificação do *Rei Artista*, a gravura que hoje publicamos e que representa o palacio da Pena, offerece todo o interesse da novidade, pelo ponto d'onde reproduz esta maravilha d'arte, ainda não vulgarisado nas publicações illustradas ou nos albuns de photographias.

Foi o sr. Carlos Relvas, o primeiro photographo amador de Portugal, que, com o gosto e arte que distinguem as suas obras, fez a photographia que reproduzimos, e achou este magnifico ponto de vista em que se póde admirar de perto, a extraordinaria belleza da frente principal do palacio da Pena.

Da historia d'este edificio que poderemos dizer, que o leitor não saiba, tão vulgar ella é, e a paginas 11 e seguintes do volume IX do Occidente, se encontra já uma noticia sufficientemente desenvolvida do palacio da Pena, a qual acompanhou gravuras que publicamos do mesmo.

VILLA DA FEIRA

Esta villa, que se notabilisa por uma das mais importantes construcções civis da idade média que ainda possuimos o denominado Castello da Feira, nada tem que mereça a attenção do forasteiro, a não ser a referida edificação.

Foi povoada esta villa no anno de 990 pelo duque Mem Guterres e o conde Mem Lucidio, juntamente com os senhores de Marnel, apparentados com a casa real de Leão.

Os povoadores da villa deram-lhe então o nome de *Villa de Santa Maria*, tendo os seus descendentes o titulo nobilissimo de *infanções antigos de Santa Maria*.

Os reis de Castella e os primeiros monarchas portuguezes tinham em tal conta a villa, que aos cavalleiros n'ella nascidos deram os fóros e privilegios de *infanção*, e aos peões o fôro de *cavalleiro*, sendo estes os primeiros infanções que houve em Portugal.

O conde D. Henrique, Affonso III e D. Manoel, deram-lhe foraes.

O primeiro senhor da Villa da Feira, foi D. Alvaro Pereira, filho segundo de D. Ruy Gonçalves Pereira. Casou com D. Mecia Vasques Pimentel, filha de Vasco Martins Pimentel, chamado o Patinho. D'estes descendem os condes da Feira.

O rei D. Manoel creou em 1515 o condado da Feira em favor de D. Diogo Pereira, senhor de Bésteiros, continuando n'esta familia até ao reinado de D. Pedro II em que acabou, por falta de successores, passando então a maior parte das suas terras e fóros para a casa do infantado.

Alguns escriptores remontam esta povoação ao anno 390 antes de Christo, dizendo que n'ella fundaram os gallos-celtas uma colonia com o nome de *Lancobriga*, que mais tarde se mudou no de *Lancobrica*, por occasião da dominação romana.

Tambem dizem que por perto d'ella passava a via militar que de Mérida se dirigia para Cale (Gaya), onde terminava.

Os arabes, porém, no seculo IX, achando muito dispendiosa a conservação d'esta estrada, fizeram uma outra de Coimbra ao Porto de Cale, a qual seguia quasi pelo leito da actual estrada de Lisboa.

El-Rei D. Manoel tinha em muita consideração esta villa, pois em 1512 mandou fazer a ponte de pedra que existe no fim do Rocio. Tambem se lhe attribue a reedificação do seu antigo castello, cercando-o de muralhas com os seus reductos, cubellos e barbacans.

A igreja da Misericordia (S. Nicolau), foi antiga matriz. Nada tem digno de mencionar-se.

Actualmente a igreja parochial é a do convento de S. João Evangelista, (loyos), fundado em 1560 pelo 4.° conde da Feira, D. Diogo Forjaz Pereira. O templo é vasto e de solida abobada. No convento estão actualmente installadas a repartição de fazenda e a eschola de instrucção primaria, bem como um theatro.

Um dos edificios mais importantes é tambem a casa do tribunal das audiencias, que foi paço dos condes da Feira.

Até 1834 foi aqui o quartel do batalhão de caçadores 11, tendo tambem um regimento de milicias, capitão-mór e uma companhia de ordenanças.

As suas armas são: em escudo branco, Nossa Senhora da Conceição, em pé, sobre a porta de um castello, com uma torre de cada lado e por baixo a legenda *Lancobriga*.

(Continúa) *Manoel M. Rodrigues.*

CONTOS DE HOJE

II

(AO MEU AMIGO FRANCISCO SIMÕES MARGIOCHI)

Estamos n'uma epocha de palavriado rhetorico e portanto não é muito que digâmos o que está

PALACIO DA PENA, EM CINTRA

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Carlos Relvas)

no pensamento de todos os modernos. Ha porém uma cousa que parece ter escapado ao methodo e á classificação é — o indifferentismo. É este o estado que caracterisa a sociedade actual; onde não ha noções de deveres nos individuos porque lhes falta uma educação orientada. Onde não existe caracter não ha systema de vida.

É duro confessal-o; mas sente-se o cerebro esfriar perante um continuo desmoronar de tudo o que adoramos e respeitamos. É tal o mal-estar, que o crime chega a parecer-nos uma consequencia fatal do temperamento, e a honra... um exemplar *archeologico* dos tempos primitivos!

....

O meu espirito, veloz como as locomotivas da civilisação, corria fazendo estas considerações de um desalento, talvez improprio da minha idade, mas é certo que eu fazia-as muito convicto da sua importancia, e, francamente que via-me longe de sentir o celebre *l'apaisement* do grande Diderot, o mestre de Honoré de Balsac, quando.. porque não hei de dizel-o?... Quando no meu alheamento reparei que distrahidamente volteava nos dedos uma pequena caixa de phosphoros fabricada em Veneza, na casa de Baschiera & C.ª

A pobre caixa não tinha nada de extraordinario, era, como muitas outras, fortemente envernisada simulando louça e mostrava nas duas faces — honestos desenhos — sobre a inscripção, o primeiro de *La donna d'un tempo*, e o outro de *La donna d'oggi*.

*
* *

N'outro tempo! Ah! n'outro tempo era a mulher verdadeiramente *la donna*, a senhora!... Ella lavava, cosia, engommava a roupa, cuidava da casa, dos filhos, do marido, da vida emfim. E gosava mais, muito mais, porque cumprindo a sua missão de equilibrio na familia, era feliz. E cumpria esta missão com todos os seus dotes, aquelles que lhe são natos, solicita sempre, com harmonias na voz, d'essas que entram suavemente no espirito dos que se lhe approximam; e ella então tinha movimentos expontaneos de graça, d'essa graça que domina, cheia de elegancia, impondo em torno esse precioso metal de intimos cuidados que só a mulher, com o talento que lhe é peculiar, sabe distribuir.

A estampa que tinha o distico *a mulher d'outro tempo*, impresionou-me a tal ponto que tomou relevo e augmentou até á realidade ..

Imaginem uma grande cozinha em que a mulher d'outro tempo, alta, esculptural, soberana do trabalho, dava a lei, irradiando na sua passagem o bem-estar d'uma confortavel alegria.

A cozinha é espaçosa. A grande chaminé, ao fundo, quasi lhe toma toda a parede, o lume vigoroso alastra no ladrilho um clarão dourado esbatido para vermelho, a um dos lados ha um tanque de pedra cheio de agua chrystalina, fresca, que confina com a grande meza de carvalho do Norte onde se acham dispostos utensilios de cobre, relusentes. A mãe, a senhora da casa, *la donna*, traja com simplicidade não tem *puffes* nem *ruches*, *vieȝes* ou outra qualquer d'essas minuciosidades de *toilette* com que hoje se desauctorisam. O cabello, — onde se contrastam os cambiantes do ouro e da prata — separa-se-lhe n'um risco energico, natural, a meio, de puro marfim, e deslisa para a nuca d'onde recua para levantar sobre o occiput um *cesto*, volumoso, de uma elegancia sensata.

Sustenta no braço esquerdo, de encontro ao peito, uma creança rosada, um *bambino*, alegre, de roupas aromaticas e pelle setinea; e com a mão que lhe fica livre corre a bateria culinaria... Aqui prova um tempero, alem examina uma cassarola; interrompendo-se para dirigir, recommendar ás filhas que a ajudam na faina caseira:

— Então .. Laura? ! não te approximes da janella! Olha que vens do lume...

Ou ainda:

— Maria! tem cuidado... não deixes chegar a roupa ao brazeiro... Tira as mãosinhas Lélé, não sejas mau...

E suffoca com beijos a reprehensão. E, assim vae entremeando com um conselho um carinho, vê tudo, tudo dirige, é o anjo bom, a mulher do lar... *la donna d'un tempo*.

Porem hoje...

*
* *

La donna d'oggi, — a mulher de hoje. Cuidado!... cuidado ao transformarmos o scenario, por isso que se o Creador deu ao homem a philosophia para que este se defendesse da adversidade, tambem — como disse A. Houssaye — ensinou a comedia á mulher para que ella se risse do philosopho.

Temos pois, mutação; já não habita a cozinha, vive no *boudoir*. E ella, a *bouleversée* da epocha, já não sustenta o filho no regaço, substitue-o por um album com alexandrinos de poetas amarellos, replectos de limpha.

As filhas não lidam com a roupa não se approximam do lume, lidam com namoros, a mais baixa craveira do verdadeiro amor; approximam-se da janella, um outro genero de *lume* que não as queima, mas que as torna lymphaticas, nervosas, epilepticas. Já não são robustas, não tem a saude nem o collorido assetinado das faces:

O fogo santo já no altar não arde

Como disse o poeta. E ellas exclamam hoje:

— Ser corada! É feio... Ter côr no rosto, traduzir n'elle as sensações que o systema nervoso leva ao coração, corar de orgulho, de satisfação, de pejo, de enthusiasmo... ou de vergonha! Ah! ahi teem para que serve ter côr!

Nada. Não convém. É melhor pallidez...

Mas pallidez anillada, ou de pergaminho, que obrigue os poetas a bradar em melopêa:

— Oh! pallidas mulheres! oh! rostos de prata!

Isto sim.

Isto é que é bonito, *gommeux*, não se revella o palpitar do coração, é certo; não ha o ridiculo de *subir a côr ao rosto*, por isso que tambem se não conhece quando tem vergonha nem quando a não ha.

É commodo, é correcto, *c'est comme il faut* como hoje se diz.

Se o meu querido Hoffmann visse esta decadencia dos espiritos determinando a ruina do corpo, o celebre auctor da *Mademoiselle Scudery*, chamaria decerto ao momento actual a epocha dos Cinabros.

*
* *

A mulher de outro tempo era a que amava, conhecia a sua missão junto do homem, e tornava-o amoravel.

A mulher de hoje é a que mata, ou a que embrutece: Gabriella Fayneron ou Marinha Correia, todas ellas gravitam em volta de estes dois astros de brutal insensatez.

Ha excepções. Mas seria femenil affirmal-o, porque estes exemplares são um producto do meio actual.

E, francamente, não ha ninguem de talento honesto que não soffra ante um desmoronar constante, assim, de todas as crenças, aspirações e esperanças.

Não somos pessimistas, parece-nos porem ficar bem synthetisada na phrase — «não viemos cá para endireitar o mundo.» — toda a moral dos fins do seculo XIX.

....

*
* *

Agora reparo que estou philosophando de mais. Desculpem, mas a maior parte dos phosphoros da caixa, Bachiera & C.ª, não pegavam...

Manoel Barradas.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

X

— Não tem petroleo? perguntou a dona da casa, sem deixar de bater nas mãos de D. Rita, que continuava desmaiada quasi que em cima do Leitão.

— Diz a pequena que não tem.

— Então foste tu que não o encheste bem, censurou ella ao marido, sem interromper os serviços que prestava á D. Rita.

— Ora essa! tornou o Leitão tentando alijar a carga, e ver se conseguia empurrar a mãe da Alice para o chão, ficou cheiosinho até a cima.

— Não pode-ser!...

— Pode sim senhor, e é: mas é que o petroleo não é eterno, são já que horas...

A luz diminuia cada vez mais: agora espirrava como o demonio fazendo uma grande fumarada negra que enchia a casa d'um cheiro nauseabundo.

— Mamã! Mamã! gritava dilacerantemente a menina Alice, vendo que sua mãe não voltava a si.

— Então Quim, deixa-te d'isso! continuava a dizer a menina Barradas puchando pelo irmão d'esta vez pegado a serio com o Dominguinhos.

— Vae buscar uma vela, ordenava a sr.ª Leitão a sua filha.

— Olha, estão na gaveta de cima da minha secretaria, explicava o pae.

A Ignacinha deu dois passos para cumprir as ordens, mas o petroleo não esperou por isso. Um espirro maior e a luz desappareceu de todo.

Então, na sala ás escuras foi uma confusão collossal.

As mães começaram a gritar: as raparigas a rir: a D. Rita recuperou logo os sentidos e para se pôr em pé agarrou-se com toda a sua força ao Leitão que desprevenido se estatelou no meio da sala berrando como um possesso.

— Ai! que me esmagam! Ó Annna! Anna! traz o candieiro da cozinha.

Mas de repente esse *charivari* enorme calou-se como que por encanto e fez-se na sala um silencio imprevisto e rapido.

No meio das densas trevas acabava de se ouvir dois sons perfeitamente distinctos quasi que ao mesmo tempo: um repenicado beijo seguido immediatamente d'uma sonora bofetada.

— Ai! gemeu o Leitão com voz suffocada, ai que me mataram!

Ao mesmo tempo a escuridão foi cortada aqui e ali por phosphoros de cera que se acendiam curiosos e indagadores. Mas apesar do clarão que a luz d'esses phosphoros derramou momentaneamente na sala os curiosos ficaram ao principio na mesma, sem perceber nada do que se tinha passado.

O Leitão desappareceu totalmente debaixo da D. Rita que cahira de novo sobre elle com cinco dedos desenhados a vermelho na sua rochunchuda bochecha direita. A sr. Leitão, ainda com o braço erguido e os olhos a faiscarem, murmurava frente, indignada:

— Atrevido!

A Ignacinha e a Alice olhavam-se espantadas e desconfiadas, e o Quim acotovellando toda a gente dirigia-se a passos rapidos para a porta do corredor.

Ao Dominguinhos porém o seu rancor pelo Quim serviu de raio de luz e de inspiração divina.

Ao ver a indignação que se estampava no rosto da mãe da Ignacinha, e o Quim procurando dar ás de Villa Diogo comprehendeu que tinha sido entre elles a tragedia passada ás escuras.

O que não explicava muito bem era a bofetada escripta na face da D. Rita; mas instinctivamente correu no encalço do Quim.

— Isso, isso, Dominguinhos! Agarre esse atrevido, agarre-o, incitou a sr.ª Leitão.

— O que foi, menina! o que te fizeram! perguntou em voz sumida o Leitão debaixo da D. Rita.

— Foi aquelle atrevido que me deu um beijo! exclamou ella tragica.

— Mas que tem a minha cara com isso! perguntou a D. Rita formalisada e dolorida.

— Um beijo! repetiu lá de baixo o Leitão. Agarra! Agarra!

O Dominguinhos estava já quasi a deitar a mão ao atrevido, mas os phosphoros apagaram-se ao mesmo tempo e a escuridão voltou de novo.

O Quim aproveitou-a habilmente e atropellando tudo que encontrava no seu caminho, dirigiu-se para a porta.

Mas quando elle ali chegava apparecia a criada com o candieiro da cozinha.

A sala illuminou-se outra vez mas apenas momentaneamente; como as trevas d'uma noite de temporal são cortadas pelo fuzilar dos raios.

A luz da cozinheira foi rapida como a luz do relampago.

Ella a chegar á porta e a esbarrar com o Quim que veloz como uma setta derrubava tudo que se oppunha á sua passagem.

— Irra! foi só o que ella poude dizer.

E o candieiro cahiu-lhe da mão, e fez-se em pedaços no meio da esteira.

O petroleo derramado começou a incendiar-se, mas a cozinheira sem se atarantar, com uma intuição de bombeiro involuntario, abafou-o logo atirando-lhe para cima com um molho de agasalhos que encontrou á mão de semear pendurados no cabide do corredor.

E tudo isso foi tão rapido que nem deu tempo

ao sr. Pereira de se servir do apito que tirára da algibeira apenas vira as chammas do petroleo.

As senhoras soltaram gritinhos de susto, e a sr.ª Leitão cuja indignação era muito superior ao terror que lhe causava a perspectiva d'um incendio, continuou a berrar.

— Agarrem esse tratante.

E o sr. Leitão sempre sumido debaixo da D. Rita e portanto alheio ao perigo porque passara a sua mobilia, continuava a clamar em voz sumida:

— Agarra! Agarra!

A balburdia era enorme: todos fallavam, todos gritavam, todos se atropellavam no meio da escuridão e ninguem se entendia.

E não sabemos por quanto tempo se prolongaria aquella confusão se não fosse o desembaraço da cozinheira.

Muito expedita e pouco de atarantações, a boa da criada, apenas apagado o fogo, correu á cozinha ás apalpadellas, procurou pelo tacto os seus phosphoros de pau, accendeu uma vela de cebo em palmatoria de folha e reappareceu na sala a trazer a luz e a estabelecer a ordem e o socego.

Entretanto o socego não foi de tão facil restabelecimento como isso. Os animos estavam todos muito exaltados pelos estranhos e mysteriosos factos que se tinham passado.

A D. Rita com os cinco dedos ainda escriptos na face direita indagava furiosa quem a tinha esbofeteado e porque.

O sr. Leitão não percebia nada do motivo porque uma volumosa senhora que até vir a luz não sabia quem era, se tinha assentado em cima d'elle asphixiando-o quasi, e ignorava absolutamente quem era o tratante que sua mulher queria que se agarrasse.

A esposa do sr. Leitão vibrante de indignação ainda, exigia uma reparação solemne do atrevido beijo que tão insolita e inesperadamente tinha repenicado nas suas castas bochechas, e estes tres enygmas, ainda sem explicação, espicaçavam atrozmente a curiosidade não só dos interessados, mas tambem de todas as pessoas presentes.

Tudo isso porem se começou a aclarar com o apparecimento da vela de cebo da cozinheira. O sr. Leitão percebeu que quem fizera d'elle cadeira fôra a D. Rita, a mãe da Alicesinha.

Porque?

Porque fôra obrigada a cahir pelo impulso, pela dôr e pela surpreza d'uma bofetada imprevista, mas valentissima, que na sua face cahira no meio da escuridão.

Quem lhe dera essa bofetada?

Estava averiguado agora que fôra a sr.ª Leitão.

Porque? Porque fôra que e dona da casa rompera n'esse excesso tão pouco aconselhado pelas leis da hospitalidade para com os seus convidados?

Porque no meio d'esssa mesma escuridão tinha recebido um atrevido beijo, e então ferida no seu pundonor levantara a mão para castigar o insolente, e no meio das trevas como o insolente fugira habilmente com a cara, a mão cahira na face innocente da D. Rita.

E quem fôra o ousado galanteador que se atrevera a macular com os seus labios as faces rugosas da veneranda mãe da Ignacinha?

Era facil de perceber. O criminoso não podia deixar de ser aquelle que fugira, aquelle que o Dominguinhos estivera por um triz a agarrar, aquelle que atropellara a cozinheira, o Quim Barradas, que com a sua inhabil fuga acabava de se denunciar claramente.

E porque fora que o Quim Barradas dera um beijo na veneranda esposa do sr. Leitão? perguntavam todos admiradissimos e o proprio sr. Leitão mais admirado do que ninguem.

A explicação d'esse mysterio que ao principio parecia insondavel não tardou tambem, e occorreu a todos ao lembrarem-se de que, quando a trocida do candieiro da sala deixando de se mergulhar no petroleo mergulhou tudo em trevas, a pessoa que estava ao lado da sr.ª Leitão era a Alicesinha, e ao lado da Alice o proprio Quim.

E então não era preciso furar paredes para reconstruir a scena que se devia ter passado.

Ao apagar-se a luz o Quim, que durante toda a noite tinha estado de namoro escandaloso, como vimos, com a menina Alice, animado pelas trevas lembrou-se de aproveitara escuridão para collocar o primeiro osculo nas faces da sua amada.

A menina Alice porem tinha recuado um pouco ao apagar-se a luz e as faces que os labios do Quim encontraram foram as da sr.ª Leitão.

Não devia ser difficil mesmo ás escuras conhecer o engano, e o Quim conheceu-o decerto porque fugiu logo, e tão depressa e em tão boa hora que, quando immediatamente em seguida ao beijo, a sr.ª Leitão ergueu mão vingadora, a face que encontrou foi a da D. Rita.

Foi tudo isto que toda a gente percebeu logo; toda a gente menos a sr.ª Leitão, que nem á mão de Deus Padre foi possivel convencer de que o beijo fôra por engano, de que não era para ella que elle vinha destinado.

(Continúa) *Gervasio Lobato*

REVISTA POLITICA

Não se assustem as nossas gentis leitoras com o titulo d'esta secção que o Occidente hoje inaugura, nem os nossos leitores imaginem que vamos quebrar lanças na peleja apaixonada da politica partidaria.

Deus nos livre de taes pensamentos; para longe essas nuvens negras que se desfazem em catadupas de improperios com que a politica d'estes tempos se mimosea diariamente, dando o espectaculo mais divertido e ao mesmo tempo mais triste de uma grande decadencia moral.

Nós vimos pôr os nossos leitores simplesmente ao facto do que se vae passando na politica, pela mesma razão que o Occidente os põe ao facto do que se passa nas regiões da arte, da sciencia, da litteratura e da industria. Nada mais.

E assim seremos tão concisos, como afinal de tudo o é a politica portugueza no acanhado dos seus ideaes, em que apenas se permitte o girar em torno da urna eleitoral, como as abelhas em volta do seu cortiço.

A urna é que é o seu precioso cofre de Pandora d'onde lhe sahem todos os males ou todos os bens; ella constitue os desvelados cuidados dos que governam, emquanto os governados olham para ella indifferentemente, como quem d'ali nada esperam.

E parece-nos que teem razão, porque de ha muito que a nossa politica se conserva n'um circulo vicioso d'onde não ha sahir, por mais que se revessem no poder os homens dirigentes da causa publica.

Assim a situação politica não tem soffrido sensiveis alterações, e as reformas que se fazem hoje, desmancham-se ámanhã para serem substituidas por outras que em seguida se condemnarão, e n'este fazer e desmanchar, n'esta tibieza das leis, não se sabe que mais admirar, se a fecundidade dos legisladores, se a inutilidade da maior parte das suas leis.

Annuncia-se já uma boa provisão de reformas, que o governo apresentará ao parlamento, que ámanhã abrirá as suas portas aos deputados da nação e aos curiosos das galerias.

Essas reformas interessam á secretaria do reino, aos caminhos de ferro, á camara dos pares, á aprendizagem e trabalho dos menores, á lei eleitoral e é de esperar que mais algumas appareçam durante a época legislativa.

Entretanto a questão agricola é a que chama todas as attenções, porque é ella emfim o pão nosso de cada dia.

O vinho tambem d'esta vez deitou politica, e como o precioso licor nem sempre produz effeitos hilariantes, d'esta vez deu-lhe para a caturrice, e as commissões, as representações e adhesões pró e contra, o *Novo Mercado de Vinhos do Porto*, tem sido a questão dominante dos ultimos dias, sem fallarmos no caduco emprestimo de D. Miguel que tornou a surgir do tumulo, como um phantasma muito mais real que o desejado D. Sebastião.

Se tendes por lá, leitor, alguns titulosinhos do celebre emprestimo, resguardai-os cautelosamente da damninha traça, porque não perdereis de todo os vossos cuidados.

E emquanto o parlamento não se abre e no santuario das leis começa a ebolição crescente que deve explosir em cavernosos discursos e secretárias partidas, vamo-nos contentando com os syndicatos que nos sahem ao caminho de todos os cantos do paiz, com uma febre só comparavel áquella, que ha annos assaltou Lisboa, em procura d'onde estava o gato.

Se d'esta vez a industria e o commercio do paiz não assumem as proporções collossaes do celeste imperio, é preciso concordarmos todos que ha caveira de burro aqui.

As companhias exploradoras d'esta e d'aquella industria formam-se como por encanto, ás duas e duas para cada ramo de industria ou de commercio, e é já difficil encontrar um individuo que não tenha acções beneficiarias embora não tenha acções boas, e tudo isto nos leva a crer que vamos entrar n'uma idade de ouro, sorridente que nos resgatará d'esta madorra innata em que vivemos sob este ceu dourado.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

O Tumulo de D. Luiza de Gusmão. Foi violado o tumulo da duqueza de Bragança, esposa de D. João IV o fundador da actual dynastia.

O tumulo estava na egreja do convento das Grilas, convento que acaba de ser secularisado, e onde o governo vae estabelecer uma moagem de trigo por sua conta. As auctoridades já tomaram conhecimento d'este facto, e no primeiro exame a que procederam, no dia 23 do mez findo, verificaram o seguinte:

O caixão em que estão os restos de D. Luiza de Gusmão, esteve por muitos annos, collocado atraz do altar-mór da egreja, mas agora acha-se no cruzeiro sem se saber ao certo por ordem de quem foi para ali removido. Cobre o caixão um panno de seda roxa lavrado a ouro e sobre este uma almofada com uma corôa real collocada em cima. O caixão apresenta todos os signaes de ter sido arrombado nas quatro fechaduras que tem, e abrindo-se este, verificou-se que o caixão de chumbo que está dentro tambem foi arrombado e revolvidos os restos da valorosa rainha, que tanto influiu para nos libertar-mos do jugo de Castella.

A vestimenta que envolve o cadaver está bem conservada, reconhecendo-se ser de seda alvadia, apesar da cal que fôra deitada no cadaver para o consumir.

Se haviam algumas joias, como é bem de suppor que houvessem, estas desappareceram, o que leva a crêr que foi o roubo o movel d'esta violação.

A este abandono chegou o tumulo de um dos personagens mais importantes da nossa historia, o que infelizmente não é caso singular em o nosso paiz.

Os restos de D. Luiza de Gusmão vão ser solemnemente trasladados para a casa dos reis de S. Vicente.

A Revolta no Zambeze. Noticias recebidas de Moçambique dizem que ficaram victoriosas as tropas portuguezas, no conflicto havido com os Bongas. A aringa foi destruida pelas forças portuguezas sob o commando do capitão de fragata sr. Augusto de Castilho governador geral de Moçambique.

Arcebispo resignatario de Braga D. João. Falleceu em Cabanas D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, arcebispo resignatario de Braga. Brevemente publicaremos o retrato e biographia d'este notavel ecclesiastico, um dos vultos mais distinctos do clero portuguez.

O Balão dirigivel «Jardim». O sr. Cypriano Jardim distincto major de artelheria, que tem estado em Paris assistindo á factura do seu balão dirigivel, como já aqui noticiamos, pediu authorisação ao governo portuguez para fazer a viagem de Paris a Lisboa, no referido balão. Se esta viagem se realisar, será um dos commettimentos mais arrojados da nossa epoca, e a prova mais positiva da direcção dos aerostatos que até hoje se tem efectuado.

O Occidente publicou a pag. 107 e seguintes do XI vol. um artigo e gravuras a respeito do balão *Jardim*.

Abdicação do rei Milan. As dissenssões entre o rei Milan e a rainha Nathalia a que nos temos referido em numeros anteriores d'este periodico, tem dado os mais funestos resultados para a politica da Servia. As ultimas noticias recebidas falam na abdicação do rei como consequencia inivitavel, em vista da revolução que lavra no paiz.

Mancini. Falleceu em Napoles o notavel estadista italiano Mancini, um dos vultos politicos mais importantes da Italia e que tomou parte mais activa na união italiana. Mancini estava retirado ha muito tempo da vida activa, cortindo uma longa doença que o levou á sepultura.

Duas terrinas preciosas. O sr. marquez da Foz comprou ao sr. conde da Folgosa, duas terrinas de prata lavrada em magnificos relevos, obra antiga de grande valor artistico. Consta que a venda se effectuou por 14:000$000 réis.

Monumento a Fontes Pereira de Mello. Conforme em tempo noticiamos, o jury que apreciou os projectos de monumento a Fontes Pereira de Mello, conferiu tres premios a tres dos projectos apresentados. Entretanto até hoje ainda não foram entregues aquelles premios aos auctores dos projectos premiados, nem nenhum dos concorrentes foi convidado a retirar os seus projectos.

Egreja de S. Francisco de Evora. Vae ser reparado este precioso templo. Para esse fim foi nomeada uma commissão composta dos engenheiros, Adriano Augusto da Silva Monteiro, Caetano de Almeida Camara Manuel e do architecto Pedro d'Avila para elaborarem o projecto das obras a fazer no referido templo.

Exploração criminosa do hypnotismo. Começam a apparecer os effeitos da propaganda que ultimamente se tem feito do hypnotismo, propaganda que já obrigou os governos de varios paizes a prohibirem os espectaculos publicos de sessões de hypnotismo etc. O roubo parece que é agora a mira de certos malfeitores que se servem do hypnotismo para o realisarem. A imprensa franceza refere-se a um caso succedido recentemente, em um vagon de caminho de ferro de Saint-Lazare, em que foi encontrado adormecido um rapaz de 24 annos, que só foi possivel acordar depois do emprego de fortes estimulantes aplicados por um medico.

Acordado que foi o viajante, poude-se saber que este fora victima de um somno hypnotico, pois não se lembra de nada e só lastima a falta de um relogio e cadeia que levava comsigo na occasião que entrou no vagon.

Este facto e outros que se tem dado, faz suppor a existencia de qualquer sociedade que explora o hypnotismo, como meio de roubar.

A Imprensa Portugueza na China. Publicam-se no Celeste Imperio sete jornaes portuguezes.

VILLA DA FEIRA

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. José Antonio Ferreira).

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A Patria Paulista, por *Alberto Salles*. Campinas (Brazil), 1887. Um interessante volume de 300 paginas, em que o sr. Alberto Salles préga convictamente a autonomia da florescente provincia de S. Paulo. Firmando-se em certos symptomas politicos e sociaes para prophetisar o desmembramento e a partilha da grande nacionalidade, que constitue o Imperio do Brazil, o distincto escriptor paulista procura demonstrar as aptidões proeminentes da sua provincia para se emancipar, adquirindo a independencia, ou convertendo-se no estado exemplar, que sirva de nucleo a uma confederação republicana do Brazil. Methodicamente, em clara exposição, o auctor recorre ás theorias scientificas, ás leis da historia, e ao calculo das vantagens praticas, para sustentar a sua these avançada.

Enthusiasmado com a miragem da patria do futuro, o sr. Alberto Salles produziu uma obra de crença fervorosa, pensada a fundo, sob o seu ponto de vista, e vigorosamente escripta.

Annuario do Commercio para 1889, publicado pela livraria Bertrand, Lisboa. Um grosso volume de cerca de 1:000 pag. in-4.º, a publicação mais completa que n'este genero se tem feito entre nós. É um livro de maxma importancia para o commercio que não duvidamos recommendar ao publico.

Almanach Illustrado das Horas Romanticas. David Corazzi, editor, Lisboa. Decimo sexto anno de publicação d'este interessante livrinho já muito conhecido do nosso publico para que seja preciso recommendal-o.

Adolpho, Modesto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro 25 a 43